



# Epistemologia



## Planos de aula



**Squire Family Foundation**  
Instituição financiadora do projeto

**Johns Hopkins – Center for Talented Youth**  
Instituição parceira criadora do material

**Claretiano – Centro Universitário**  
Instituição parceira responsável pela divulgação do material no Brasil



**SQUIRE FAMILY  
FOUNDATION**  
*Advancing Philosophy Education*

#### **ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA**

**Organizador:** Edson Renato Nardi

#### **CORPO TÉCNICO EDITORIAL DO CLARETIANO - CENTRO UNIVERSITÁRIO**

**Gerente de Material Didático:** Rodrigo Ferreira Daverni

**Preparação:** Aline de Fátima Guedes • Camila Maria Nardi Matos • Carolina de Andrade Baviera • Cátia Aparecida Ribeiro • Elaine Aparecida de Lima Moraes • Josiane Marchiori Martins • Lidiane Maria Magalini • Luciana A. Mani Adami • Luciana dos Santos Sançana de Melo • Patrícia Alves Veronez Montera • Simone Rodrigues de Oliveira

**Revisão:** Eduardo Henrique Marinheiro • Filipi Andrade de Deus Silveira • Rafael Antonio Morotti • Vanessa Vergani Machado

**Projeto gráfico, diagramação e capa:** Bruno do Carmo Bulgarelli • Joice Cristina Micai • Lúcia Maria de Sousa Ferrão • Luis Antônio Guimarães Toloí • Raphael Fantacini de Oliveira • Tamires Botta Murakami

**Videoaula:** André Luís Menari Pereira • Bruna Giovanaz • Gustavo Fonseca • Marilene Baviera • Renan de Omote Cardoso

#### **INFORMAÇÕES GERAIS**

Título: Plano de Aula - Epistemologia

Formato: 210mm x 297mm

Páginas: 30 páginas

Edição: 1ª

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing Philosophy Education

**Copyright © Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing Philosophy Education**

2020 Claretiano – Centro Universitário  
Todos os direitos reservados.



# SUMÁRIO

---

## CONTEÚDO

DIA 1 – INTRODUÇÃO À TEORIA DO CONHECIMENTO .....	7
1. ATIVIDADE: QUAL SUA TEORIA DA VERDADE? .....	7
2. APRESENTANDO DESCARTES .....	8
DIA 2 – SUBJETIVISMO E EGOÍSMO .....	9
1. VISÃO GERAL DA EPISTEMOLOGIA .....	10
2. DESCARTES, MEDITAÇÃO 1 .....	11
DIA 3 – MEDITAÇÃO 2 .....	13
1. COGITO .....	14
2. COISA PENSAnte .....	14
3. PEDAÇO DE CERA .....	15
4. TRAZENDO O CONHECIMENTO DE VOLTA: UM BREVE PASSEIO EM MEDITAÇÃO 3 .....	15
DIA 4 – DO RACIONALISMO AO EMPIRISMO .....	18
1. EMPIRISMO X RACIONALISMO .....	18
2. EXERCÍCIO DIALÓGICO DE TEXTO .....	20
DIA 5 – LOCKE: ENSAIO REFERENTE AO ENTENDIMENTO HUMANO .....	21
GUIA DE LEITURA DE DESCARTES – MEDITAÇÃO 1 .....	26
GUIA DE LEITURA DE DESCARTES – MEDITAÇÃO 2 .....	28

# PLANOS DE AULA

Esta série de planos de aula de Filosofia é composta pelos seguintes módulos:

Ética

Ética Aplicada

**Epistemologia**

Estética

Filosofia da Religião

Filosofia Política

Livre Arbítrio

Filosofia da Ciência

Método Filosófico

Identidade Pessoal

Filosofia da Mente



3

# EPISTEMOLOGIA – A TEORIA DO CONHECIMENTO

Em Filosofia, epistemologia é o estudo do conhecimento. Algumas questões pertinentes ao tema são:

Podemos ter conhecimento de fato? (ou só haverá a crença?)

Se podemos ter conhecimento, como o distinguirmos da crença?

Quão certos precisamos estar acerca de uma crença para que possamos considerá-la como conhecimento?

O que é necessário para estabelecermos a verdade?

Abordagens clássicas a esses questionamentos incluem:

- Ceticismo: afirma que nunca podemos efetivamente conhecer.
- Racionalismo: é a posição de que o conhecimento é acessível através da razão.
- Empirismo: é a posição de que o conhecimento é acessível através da experiência sensorial.
- Kant (transcendentalismo): é a posição de que o conhecimento repousa numa complicada combinação entre experiência sensorial e conhecimento *a priori*.

## Vocabulário importante

*A priori*: conhecimento que é verdadeiro “anterior à experiência”, isto é, ele é verdadeiro por definição (ou pela natureza das ideias envolvidas). Exemplos incluem constatações e definições matemáticas, como “ $2+2=4$ ”, “A soma dos ângulos de um triângulo = 180 graus”, “um triângulo tem três lados”, “solteiro é um homem adulto que não se casou”. Essas afirmações ainda seriam verdadeiras (por definição) mesmo se todos os triângulos ou solteiros deixassem de existir.

*A posteriori*: conhecimento que requer observação para que se estabeleça sua verdade. Estas são afirmações sobre objetos (coisas) que são percebidas pela experiência sensorial, como “Luis Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil em 2009”, “está chovendo agora”, “João é mais alto que Maria”. Tipicamente, constatações científicas são *a posteriori*.

*Empírico*: fatos empíricos são *a posteriori*. Eles são estabelecidos através do acúmulo de experiências/evidências.

## Objetivos pedagógicos para o módulo de epistemologia

Neste módulo, os estudantes deverão:

- Explorar e refletir sobre suas próprias intuições acerca do conhecimento.
- Aprender as abordagens filosóficas mais importantes sobre o conhecimento.
- Desenvolver suas habilidades argumentativas (criando e analisando).
- Adquirir um entendimento da complexidade de como os humanos interagem com o conhecimento.

## Referência

(Leituras acessíveis o ajudarão a se preparar para as aulas)

Donald Palmer, *Does the Center Hold? An Introduction to Western Philosophy*. McGraw Hill, 1991.

# DIA 1 – INTRODUÇÃO À TEORIA DO CONHECIMENTO

Conteúdo:	Método:
1. Reflexão sobre as crenças a respeito do conhecimento	1. Reflexão/Em duplas/Discussão (35 minutos)
2. Introdução a Descartes	2. Aula sobre Descartes (15 minutos)

## Orientações ao professor

O objetivo de hoje é promover a reflexão dos alunos sobre crenças e conhecimento e dar uma breve introdução para a leitura num próximo momento. Estamos propositalmente adian-do uma visão geral da seção para o Dia 2. Dar tempo para refletirem no que eles acreditam primeiro vai ajudá-los a se envolver mais ativamente com o material. Eles precisam de algum conhecimento sobre Descartes para ajudá-los a entender o porquê de ele buscar o que busca.

## Objetivos

- Os estudantes devem conseguir expressar o que acreditam ser o conhecimento.
- Os estudantes devem compreender quem foi Descartes e suas motivações para escrever “Meditações”.

## 1. ATIVIDADE: QUAL SUA TEORIA DA VERDADE?

### Reflexão

Escreva algo que você acredite ser uma verdade, mas que você não tem certeza. Por que você não tem certeza que isto é verdadeiro?

Escreva algo que você sabe que é uma verdade. Por que você se sente confiante para afirmar que isso é verdadeiro?

Qual a diferença? O que há na afirmação (2) que a torna diferente da (1)?

### Em duplas

Compare suas respostas ao quesito (3) acima. Vocês conseguem encontrar uma regra que sirva de “teste” de veracidade?

### Discussão

Faça com que cada dupla coloque sua regra na lousa. Realce semelhanças e diferenças. Tenha alguém para documentar toda a lista – será proveitoso retornar a ela mais adiante no decorrer do curso. Se possível (se houver tempo hábil), classifique as regras de acordo com os tópicos que você adentrará nesta seção. Por exemplo, marque aquela que parece ser relativista, racionalista, empirista ou transcendentalista (se possível). Faça isso como sugestão, não como afirmação.

Quando chegar a esse tópico, pergunte aos alunos se concordam com o que quiseram dizer. Se não houver tempo, traga as respostas deles de volta à discussão quando você adentrar essa posição (pode ser útil fazer com que anotem suas respostas e as armazenem para facilitar o acesso posteriormente).

## 2. APRESENTANDO DESCARTES

---

Descartes (1596-1650). Ele foi contemporâneo de Galileu, e o caso “Galileu x Igreja Católica” o afetou.

Pergunte aos alunos: *Quem sabe o que aconteceu com Galileu?* (Alguém geralmente sabe, principalmente se já teve aulas de Física).

Galileu afirmou que a teoria heliocêntrica de Copérnico, onde a Terra gira em torno do Sol, estava correta. Naquela época, a Igreja Católica levava as palavras da Bíblia ao pé da letra, quando ela dizia que Deus colocara a Terra no centro do universo e sua posição era imutável<sup>1</sup>.

Galileu foi julgado por heresia e foi concedida a ele a escolha entre a morte ou reconsiderar suas crenças. Ele reconsiderou. É fácil desejar acusar a Igreja por colocar seu poderio e crenças acima do conhecimento científico, mas as coisas não são tão simples quanto parecem. Lembre-se, a Igreja, além de seus interesses religiosos, tinha dois argumentos poderosos a seu favor. Em primeiro lugar, Ptolomeu desenvolveu uma teoria astronômica que continha evidências que apoiavam a ideia de que a Terra era o centro do universo. Em segundo lugar, o *senso comum* da época acreditava que a Terra não estava se movendo. Pense – quando foi a primeira vez que lhe disseram que a Terra está se movendo ao redor do sol? Toda sua experiência lhe faz crer no contrário. Quando você sai de casa, seus olhos lhe dizem que o sol se move, e as sombras o acompanham. Não parece que é você quem está se movendo.

Descartes foi um cientista e um matemático (plano cartesiano em geometria? Foi ele quem criou!). Ele foi um prodígio, pertencente à nobreza, e foi educado pelos padres jesuítas – o melhor da educação daquele tempo! Por volta de seus 20 anos, ele começou a acreditar que seus professores não estavam lhe transmitindo conhecimento, só suas meras opiniões. Quando ele soube que Galileu fora acusado de heresia, ficou realmente preocupado. Ele conhecia as teorias de Galileu e acreditava nelas.

Seus professores diziam coisas, mas agora que ele buscava o conhecimento por conta própria, ele descobriu que algumas coisas que aprendera eram falsas. Ele passou a desconfiar de todo seu conhecimento – como ele poderia confiar em *qualquer* coisa que lhe fora ensinada? Como ele poderia discernir o verdadeiro do falso? Isso é o que está em sua mente no começo de “Meditações Um”. Ele está interessado se pode realmente conhecer *algo*. Então, ele decide levar seu ceticismo a sério.

Qual a principal razão que ele pode encontrar para apoiar a ideia de que *não podemos* conhecer nada? Ele está invocando o princípio da caridade<sup>2</sup>. Ele pretende atribuir ao ceticismo toda possibilidade de manobra. Ele tentará refutá-las em Meditação 2, mas quer ter certeza de que não está sendo injusto. Pense num jogo de futebol – a glória da vitória é maior quando você vence o jogo sabendo que os melhores jogadores do time adversário estavam em campo. De modo semelhante, um filósofo se vangloria quando consegue demonstrar que o ponto de vista oposto está errado, mesmo quando lhe são concedidas todas as possibilidades de defesa possíveis.

### A leitura

Esta leitura é difícil. Alguns alunos acham que ler em voz alta (ou ler *como se* estivessem lendo em voz alta) os ajuda a compreender o texto. Aparentemente, colocamos ênfase nas palavras corretamente quando fazemos isso. Faça referências ao “como ler filosofia” contida na seção Métodos do curso. Este provavelmente será um texto que deverá ser lido mais de uma vez.

<sup>1</sup>Cf. <http://plato.stanford.edu/entries/galileo/>

<sup>2</sup>Recorde o princípio da caridade da seção Métodos – abordar a fala de seu oponente com a melhor interpretação possível.

## DIA 2 – SUBJETIVISMO E EGOÍSMO

Conteúdo:	Método:
1. Visão Geral da epistemologia (20 minutos)	1. Aula
2. Descartes, Meditação 1 (30 minutos)	2. Debate dirigido, revisão do guia de estudos

### Atribuições para esta aula

Descartes, Meditação 1 de *Meditações*, além do questionário do guia de estudos. Descartes é particularmente difícil para os alunos. Lembre-os sobre o que aprenderam no artigo “Como Ler”. Guias de leitura não estarão disponíveis para todas as leituras – tente encorajar os alunos a usá-los como uma transição para a leitura integral por conta própria.

As discussões do Dia 2 serão direcionadas pelas respostas a este material de leitura, portanto, enfatize que seu empenho será importante para a próxima aula.

Para leitura, recomendamos *O Discurso do Método*, de René Descartes. Disponível em: <[http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/PM.Discurso%20do%20Metodo%20-%20Rene%20Descartes.pdf/at\\_download/file](http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/PM.Discurso%20do%20Metodo%20-%20Rene%20Descartes.pdf/at_download/file)>. Acesso em: 21 maio 2019.

### Orientações ao professor

Falaremos novamente a respeito das diferenças entre racionalismo e empirismo após Descartes (e Kant após os empiristas), mas os alunos devem ter uma noção do cenário antes de mergulharem em Descartes.

O argumento racionalista de Descartes se dá ao longo das três primeiras meditações. Em M1 (Meditações I), ele está desenvolvendo o argumento cético. Ele está construindo o argumento cético mais poderoso possível, para que, quando for combatê-lo em M2, ele possa ter a tranquilidade de que o argumento foi definitivamente refutado.

O ponto de vista de Descartes é frequentemente tido como fundacionalista (fundacionismo) – seu objetivo é de estabelecer fundações estáveis sobre as quais possa reconstruir o conhecimento (de forma semelhante a fundações estáveis sobre as quais se edifica uma casa). O que percebemos sobre seu ponto de vista é que a razão, e não os sentidos, é a única fonte de conhecimento confiável. Isso faz dele um racionalista.

### Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos devem poder entender e serem capazes de criticar a noção de que o conhecimento é justificável, verdadeira crença.
- Os alunos devem ter uma noção básica de quais são as três abordagens primárias à epistemologia (além do ceticismo): racionalismo, empirismo e o transcendentalismo kantiano.
- Os alunos devem ser capazes de explicar o argumento cético de Descartes.
- Conceitos-chave: epistemologia, ceticismo, racionalismo, empirismo, transcendentalismo kantiano.

## 1. VISÃO GERAL DA EPISTEMOLOGIA<sup>1</sup>

---

A área da Filosofia chamada “epistemologia” é também conhecida como “a teoria do conhecimento”. Podemos pensar a epistemologia como focada em três questões básicas.

### Questão #1: o que é conhecimento?

A reivindicação pelo conhecimento é geralmente a reivindicação pela verdade – isto quer dizer que, de alguma forma, “possuímos” a verdade. Seria estranho dizer algo como, “eu sei que  $2+2=5$ , mas isso não é verdade”. Podemos dizer que você acredita nisso (ou você só está tentando ser engraçado), mas não diríamos que você sabe disso e ao mesmo tempo sabe que isso é falso.

Em Filosofia, o conhecimento é frequentemente descrito como *Crença Verdadeira Justificada*.

- Crença: “saber” algo é acreditar que algo é verdadeiro.
- Verdadeira: conhecimento diz respeito à verdade. Se alguém acredita em algo que venha a ser falso, geralmente dizemos, “ele achou que soubesse, mas estava enganado”.
- Justificada: se você sabe algo, quer dizer que necessita de uma boa razão para acreditar.

Alguém pode acreditar que um triângulo tem três lados, mas, se a razão para crer nisso é a de que seu cachorro lhe disse, não considerariamos isso como conhecimento (diríamos que alguém tem uma crença que é *acidentalmente verdadeira*, mas não a contaríamos como conhecimento).

Existe um famoso problema com essa interpretação do conhecimento (ao menos entre os filósofos), mas evitaremos adentrá-lo por hora.<sup>2</sup> Qual desses conceitos é o mais difícil de determinar? A verdade. Você pode descobrir as crenças de alguém perguntando a ela, e podemos facilmente determinar padrões de justificativas. Mas a verdade é difícil – e encontrar uma forma de justificá-la é o que orienta as teorias que vamos examinar.

### Questão #2: podemos realmente conhecer algo?

**Ceticismo** é a posição de que não podemos ter conhecimento real das coisas. O cético acredita que temos uma sensação do que é *necessário* para se ter conhecimento, mas não podemos definir nenhum critério (céticos são espertos o suficiente para evitarem dizer que eles *sabem* que não podemos ter conhecimento!).

Descartes, em Meditação 1, apresenta o ponto de vista cético. Veremos outro com Hume adiante.

### Questão #3: como adquirimos conhecimento?

O que usamos primeiro: nossos sentidos, nosso intelecto, ou ambos?

Discutiremos três grandes posições:

**Racionalismo** é a visão de que o conhecimento é baseado na *razão*.

**Empirismo** é a visão de que o conhecimento é baseado na *experiência sensorial*.

---

<sup>1</sup> Esta visão é bastante influenciada pela introdução ao capítulo de epistemologia de Louis P. Pojman, *Introduction to Philosophy: Classical and Contemporary Readings*, 3. ed. (Oxford University Press, USA, 2004).

<sup>2</sup> O problema é chamado de “Problema de Gettier”. Se houver alunos interessados, podem encontrar discussões na Stanford Encyclopedia of Philosophy: <<http://plato.stanford.edu/entries/epistemology/#GET>> e na Internet Encyclopedia of Philosophy: <<http://www.iep.utm.edu/g/gettier.htm>>.

O **Transcendentalismo Kantiano** sustenta que o conhecimento requer uma complicada interação entre os dois.

Relacionada a ambas as questões e à questão cética está a questão: mesmo que *possamos* ter conhecimento, quando o adquirimos? Relacionada a essa última está a questão: onde estabelecemos um padrão para o conhecimento? Nosso interesse se volta ao *onde estabelecer um padrão* para diferenciar a mera crença de conhecimento. Notaremos que, mesmo nesse quesito, os filósofos discordam.

## 2. DESCARTES, MEDITAÇÃO 1

---

Agrupe os alunos em duplas para que eles comparem suas anotações como a primeira parte da discussão.

Conduza a discussão de modo que eles necessitem responder ao questionário. Eles devem ter *alguma* resposta para cada pergunta. Peça aos alunos que leiam suas respostas.

### Preliminares

Isto não está no guia de leitura, mas qual é o método de Descartes? Como ele se propõe a avaliar suas crenças para encontrar a verdade? Ele vai examinar tudo em que acredita e se perguntar se é verdade? Resposta: Não.

Por que rejeita esse método? Resposta: porque levaria muito tempo! Ele tem inúmeras crenças!

### Revisão do Questionário

1. Descartes sugere usar uma ideia em particular que funcionaria para se encontrar a verdade. E qual é? (Ou, caso não se encontre essa ideia, seria um indício de que essa crença deve ser abandonada como candidata ao conhecimento). Resposta: certeza – isto é, se ele encontrar razões para duvidar de algo, não o aceitará como conhecimento.

(Cf. p. 1, coluna da esquerda) Minha razão me diz que além de desaprovar proposições que são obviamente falsas, eu também devo desaprovar aquelas que não são completamente certas e acima de qualquer suspeita. Sendo assim, tudo o que preciso pra rejeitar todas as minhas opiniões é encontrar em qualquer delas uma sombra de dúvida.

2. Há duas coisas que ele acreditava saber através de seus sentidos. Como diferenciá-las? (Isto é complicado e nos escapa facilmente. Talvez você deva resolvê-la juntamente com a questão três – escolha-as pelas razões que você tenha para duvidar delas).

- a) (Descrever): objetos pequenos ou muito distantes.
- b) (Descrever): experiências corriqueiras do dia a dia (“acontecimentos familiares”, por ex.: “estou usando tênis; tem uma mesa/escrivadinha na frente da sala de aula”).

3. Quais razões ele tem para duvidar do que ele acreditava saber? (Nota: as duas primeiras são difíceis de separar. Faça seu melhor e tente descrever o que ele está fazendo).

- a) Via sentidos (1): normalmente, duvidamos deles – fazemos esse tipo de raciocínio errado o tempo todo.

Pergunte à sala: quem já se assustou ao confundir um fiapo de tecido da roupa com um inseto? Ou viu uma árvore ao anoitecer e pensou ser uma pessoa? É sobre isso que ele fala.

- a) Via sentidos (2): essas coisas parecem óbvias; normalmente, não duvido delas. Mas como saber que não estou sonhando?

Pergunte à sala: alguém já teve um sonho tão vívido a ponto de ficar em dúvida se aquilo realmente aconteceu ou não? Alguém já ficou confuso a ponto de não se lembrar se disse algo a alguém ou se só sonhou que disse? (Comum: alguém sonha com uma conversa por telefone, e não se lembra se ela realmente aconteceu).

Alguém já encontrou alguma forma de saber que não está sonhando?

- Estimule a sala a tentar encontrar uma solução para o problema.
- O problema para qualquer possível solução é de que você poderia estar sonhando em estar procurando as provas.

(Vamos adiar a questão 3C por ora).

4. Por que seu entendimento de conhecimento o faz considerar seriamente algumas possibilidades muito esquisitas?
5. Por que seria benéfico para seu plano geral fazer assim?

Este é Descartes aplicando o *princípio da caridade*. Ele provavelmente não está **SERIAMENTE** interessado em saber se está dormindo, mas ele não pode *provar* que não esteja. Como ele está interessado em demonstrar a falsidade do ceticismo, ele vai procurar construir o argumento mais convincente possível **A FAVOR** do ceticismo. Sendo assim, como ele não pode *provar* que ele não está sonhando (mesmo que esteja *quase convencido* de que não está), ele não vai permitir que nenhuma experiência sensorial contamine seu argumento.

De volta à 3C.

3. C. Via razão:

I) Que tipo de coisa ele quer dizer aqui?

Ele quer falar de coisas que são necessariamente verdadeiras, como, por exemplo, aritmética e geometria ( $2+3=5$ , quadrados têm quatro lados).

II) Por que duvidar disso?

Porque eu não posso desconsiderar que talvez haja um espírito do mal que faça as coisas parecerem verdadeiras quando elas são na realidade falsas.

Com isso, ele questionou praticamente todo o conhecimento. O que sobreviverá a esse questionamento?

6. No final de Meditação 1, parece que o ceticismo venceu. O que Descartes precisa fazer para demonstrar que o ceticismo está errado?

Ele precisa encontrar algo que não possa ser passível de dúvida! Isto não vai ser fácil. Em Meditação 2, é por isso que ele vai procurar.

## DIA 3 – MEDITAÇÃO 2

Conteúdo:	Método:
1. O argumento "Cogito" (10 min.)	1. 1-3. Aula/debate
2. O argumento "Coisa Pensante" (10 min.)	
3. O argumento "Pedaço de Cera" (15 min.)	2. Breve exposição sobre "Meditação 3"
4. Concluindo Descartes (15 min.)	

### Atribuições para esta aula

Meditação 2 e seu guia de estudos.

### Orientações ao professor

Em Meditação 2, Descartes refuta o ceticismo. Finalmente!

Infelizmente, sua vitória é quase insignificante. Tudo que ele consegue demonstrar é uma única verdade: ele existe. Ele pode até dourar a pílula um pouco – ele é uma coisa que pensa, mas fica por aí.

Em M2, encontramos três argumentos. O primeiro é o Cogito. Esse é seu argumento contra o ceticismo. Mesmo que ele nunca tenha dito "eu penso, portanto eu sou" (ou o pouco de latim que a maioria das pessoas possam entender: *cogito ergo sum*), essa é uma boa síntese de seu argumento.

A segunda parte de M2 é sua discussão sobre que tipo de coisa ele é (chamamos de o argumento "Coisa Pensante"). Ele costumava pensar que era um homem, talvez um animal racional, mas essas ideias não conseguem irromper sobre os argumentos do ceticismo presentes em MI. Tudo que ele pode dizer é que ele existe, e que essa coisa que existe é fundamentalmente uma coisa pensante. Ele retomará mais tarde essa reflexão para defender uma postura dualista. Ele é fundamentalmente uma mente. Se ele tem um corpo (o que ele não pode afirmar por hora, mas o fará em breve), ele não é algo *tão* central para sua identidade.

A seção final dessa peça é sobre sua discussão acerca do "Pedaço de Cera". É um argumento suplementar para forçar seu racionalismo. Ele entende que o que argumentou até agora é contraintuitivo, e que a maioria das pessoas está presa à ideia de que podemos realmente duvidar de nossos sentidos. Esse argumento é para reforçar o caráter central da razão para se chegar ao conhecimento, em detrimento da experiência sensorial.

### Objetivos

- Os estudantes devem compreender e serem capazes de criticar os três argumentos contidos em Meditação 2.
- Os estudantes, desde o primeiro dia, devem levar em consideração seus pensamentos acerca do conhecimento e considerar em que grau esses pensamentos são consistentes com os argumentos de Descartes.

Novamente, como os estudantes devem ter concluído a leitura do guia de estudos, seria melhor que eles pudessem dar a interpretação de sua leitura aqui. O instrutor pode ajudar a preencher as lacunas.

## 1. COGITO

---

A maneira para se destruir as boas razões para se duvidar é encontrar algo do qual NÃO se possa duvidar. Enquanto ele se senta e se ocupa em descobrir se pode conhecer algo, ele se espanta com a ideia de que talvez ele nem exista. Afinal de contas, parece que ele pode duvidar de seus sentidos e, portanto, duvidar que ele sequer tenha um corpo. Temos que nos preocupar se estamos sendo iludidos por esse corpo, assim como ele pode estar causando todos esses pensamentos, MAS, mesmo que ele tenha todas essas dúvidas, precisa haver ALGO que está duvidando ou que está sendo iludido. Logo, ele PRECISA existir.

Você NÃO pode duvidar, por um bom motivo, da afirmação “eu sou, eu existo”, porque, mesmo que se tente duvidar dela, há algo que realiza esse pensamento, e esse algo precisa necessariamente existir.

Esse argumento geralmente é dado como “penso, logo existo” – ele nunca disse essa frase, mas essa frase dá nome ao argumento: “cogito” – nome em latim para esse argumento (em latim, o argumento é cogito ergo sum, que é “penso, logo existo”).

Sendo assim, você não pode duvidar (por um bom motivo):

1. Eu agora penso;
2. Para cada pensamento existe um pensador;

Portanto,

3. O pensador do pensamento no #1, chame-o de “eu”, existe (ou seja, eu existo).

Mesmo que ele esteja certo sobre esse raciocínio, pode ele sustentar o resto de todo seu conhecimento (do qual ele se livrou através do ceticismo, mas que espera poder reaver)?

O espírito do mal ainda pode ser uma preocupação real; uma vez que você o retire da garrafa, é difícil colocá-lo de volta (mas Descartes está convencido de que o EM não conseguirá destruir o *Cogito*).

## 2. COISA PENSANTE

---

Então, agora ele sabe QUE ele é. A questão agora é, O QUE ele é?

Ele começa por listar todas suas crenças prévias sobre o que ele era: ele era um corpo com uma alma.

Qual é o ponto aqui? Queremos saber quais coisas são NECESSARIAMENTE parte de você.

Re: Homem/Animal racional: muitas ideias envolvidas nessa ideia. Comece com algo mais básico.

Re: corpo – “rosto, mãos, braços” etc. (e a alma é sua causa – comer e andar, alma é o que “anima” o corpo – o que faz ele funcionar – não é como nossa ideia de alma).

Ele admite que nunca houve um bom motivo para ele duvidar de seu corpo antes: “Eu acreditava que eu conhecia sua natureza claramente” (p. 134a).

Mas,

Agora nos preocupamos com a ilusão. Todas essas coisas podem ser falsas, eu posso duvidar delas. E, mais importante, mesmo que ASSUMA que são falsas, ainda há um “eu” aqui, então, eu (em essência) devo ser diferente dessas coisas (ele quer atingir o “núcleo necessário” da ideia do que ele deve ser). A única coisa que ele não pode separar de si é o pensamento (pois, mesmo que se duvide dele, você está pensando!).

Logo, sou uma coisa pensante – eu sou algo que essencialmente pensa (minha natureza é pensar).

Por exemplo, o essencial no triângulo não é seu tamanho, cor etc., mas que ele é uma “figura plana, fechada, de três lados”.

### 3. PEDAÇO DE CERA

---

Ele tem um pedaço de cera que tem um determinado formato (figura), cheiro, cor, gosto doce, é um pouco frio e, se você bater nele, faz um ruído (é meio duro). Resumindo, ele tem várias qualidades físicas particulares que usamos para reconhecê-lo como um corpo.

Mas, à medida que ele o aproxima do fogo, todas essas propriedades mudam. O cheiro muda, o gosto desaparece, a cor muda, ele fica mole.

E, mesmo assim, não tenho NENHUMA dúvida (adicional) de que é a mesma cera. Como eu sei isso?

- Não pode ser através dos sentidos – todas as informações colhidas através dos sentidos mudaram.
- Parece que só há um “corpo” aqui, que eu reconheci formalmente através de um grupo de características e que agora eu reconheço por outro grupo de características. Como eu faço isso?

Eu abstraio da cera e tento captar o que é necessário nela, ou seja, o que permanece quando eu retiro tudo o que eu posso e mesmo assim continuo com um pedaço de cera. É da mesma maneira que fizemos quando procuramos por definições anteriormente (por exemplo, quando observamos um triângulo).

Todo o remanescente da cera é uma certa coisa estendida (um corpo, uma massa) que é flexível e deformável. O que quero dizer com flexível e deformável?

Será que posso imaginar todas as possíveis formas que ele pode tomar? Não, pois ele pode tomar uma infinidade de formas, e eu não posso imaginar a infinidade.

Logo, como eu tenho uma ideia da cera, que eu posso adquirir através dos sentidos e da imaginação, eu devo percebê-la (a ideia) somente por intermédio da minha mente (razão).

Ele é forçado a concluir que, mesmo que tenha começado por dizer que PARECIA que ele conhecia melhor as coisas através dos sentidos, e que nesse caso isso não é verdadeiro, ele deve conhecer as coisas apenas através de sua mente. E deliberando acerca dessas coisas, ele está aprendendo mais acerca da *natureza* de sua mente.

### 4. TRAZENDO O CONHECIMENTO DE VOLTA: UM BREVE PASSEIO EM MEDITAÇÃO 3

---

*Nota do instrutor:* alguém pode chegar a outra conclusão após revisar esse material, salientando o conceito de “ideias inatas” e a força relativa das crenças racionais sobre as crenças baseadas nos sentidos. Você pode contra-argumentar que a natureza do conhecimento provada em M2 é de que ela é necessariamente verdadeira (não pode ser duvidada) e que, para Descartes, enquanto ele reconstrói o conhecimento, as verdades mais próximas a isso serão mais “firmes” (mantendo a noção fundacionalista) que as verdades sensoriais.

(Uma sugestão é você resumir o seguinte com base em quanto tempo você acredita ter disponível.

Não é necessário entrar em detalhes acerca do argumento Ontológico. Você pode voltar a esse argumento durante a seção de filosofia da religião do curso).

### Meditação 3

A vitória sobre o ceticismo em M2 é, de alguma forma, técnica: sim, ele provou que podemos ter conhecimento, mas há apenas UMA COISA que podemos conhecer (talvez duas, dependendo de sua abordagem): eu existo e sou uma coisa pensante.

Mas ele busca uma teoria do conhecimento. Como ele vai reconstruí-la?

Ele percebe que há um aspecto novo em seu conhecimento. Ele tem “clareza e distinção” – e espera poder usar essas características para reconhecer outras verdades.

Como ele vai reconstruir o Conhecimento? Bem, “ele analisou os conteúdos de sua mente e descobriu que nela contém certas ideias inatas, incluindo “self”, “substância”, “identidade” e “Deus”<sup>3</sup>. Essas ideias inatas compartilham as mesmas qualidades de serem “claras e distintas” que a noção do “eu” tem (como em “eu existo”). Então, ele tem algumas ideias inatas, mas como descartar a noção do Espírito do Mal?

O que é preciso para derrotar um demônio? Deus. Então ele tenta provar que um Deus onipotente, benevolente e perfeito existe, e não permitiria a existência de um Espírito do Mal.

Assim que ele conseguir provar sua existência, ele poderá confiar que as ideias “claras e distintas” serão verdadeiras.

Esse é seu argumento. Discutiremos argumentos sobre Deus na parte de filosofia da religião do curso. É suficiente salientar por hora que ele faz uma boa tentativa, mas, ao final das contas, seu argumento é redundante.

Para o instrutor – visão geral do argumento:

1. Eu tenho a ideia de Deus (visão tradicional islâmica/judaico-cristã)

(mesmo que você não a tivesse antes, agora você tem!).

2. Para tudo há uma causa.

(A causa da ideia de Deus deve explicar *não apenas* por que eu tenho a ideia, mas também por que eu tenho uma ideia de Deus *em particular*).

3. A causa da minha ideia do ser infinito (Deus) não pode ser finita, e deve também ser infinita.

(Reivindicação: a única maneira que podemos ter uma ideia de um ser infinito é a existência de uma causa infinita dessa ideia. Isso é uma suposição problemática.

Se você não estivesse previamente predisposto a acreditar na existência de Deus, você provavelmente não aceitaria essa premissa).

Portanto, 4. O ser infinito (Deus) existe, mas 5. Eu não sou infinito.

Então, 6. Logo, Deus existe.

Agora, para demonstrar que Deus não é uma ilusão:

7. Deus é perfeito.

8. Decepção é uma imperfeição.

<sup>3</sup>Donald Palmer, *Looking At Philosophy: The Unbearable Heaviness of Philosophy Made Lighter*, 3. ed. (McGraw-Hill Humanities/Social Sciences/Languages, 2001), p. 163.

(Novamente, uma suposição bastante problemática).

Então, 9. Deus não é uma ilusão.

Se Deus existe, e não é uma ilusão, podemos, a partir daí, abstrair uma regra: todas as ideias claras e distintas são verdadeiras (e são inatas – são a marca registrada de Deus). A partir daí, podemos reconstruir o Conhecimento.

Descartes nega a possibilidade de se ter uma noção do infinito por meios finitos, mas não é certo se isso é verdadeiro.

- Ele levanta essa questão ao menos em dois momentos durante sua argumentação. (#3 & #8)
- Mas essa noção (Deus não ilusório) lhe possibilita a reconstrução do mundo.
- Uma vez que temos um Deus que existe e não é ilusório, podemos contar com Ele.

Pergunta (de Meditação 4): então por que ainda erramos?

Resposta: porque não confiamos em Deus, ou não prestamos a devida atenção no que estamos fazendo. É sempre nossa culpa.

Mas não parece estranho no caso do erro dos sentidos? (Quando não posso ver com nitidez se é um fiapo de roupa ou uma pequena aranha? Como isso pode ser minha culpa?)

Retornaremos a Descartes quando formos conversar sobre filosofia da mente.

## DIA 4 – DO RACIONALISMO AO EMPIRISMO

Conteúdo:	Método:
1. Empirismo x racionalismo (20 min.)	1. Aula
2. Texto Dialógico – em qual você acredita? (30 min.)	2. Exercícios dos alunos

### Atribuições para esta aula

Enciclopédia de Filosofia de Stanford, “Racionalismo x empirismo”, Seção 1.

### Orientações ao professor

Descartes é o “garoto da capa” do racionalismo. Antes de avançarmos para os empiristas, será proveitoso para os alunos entender as diferenças entre essas perspectivas.

A parte complicada é fazer os alunos capazes de diferenciar conhecimento *a priori* de *a posteriori*. Eles frequentemente se prendem à ideia de que aprenderam o que é um triângulo porque alguém mostrou um para eles – então parece que aprenderam através da experiência dos sentidos. Mas o que faz de um triângulo um triângulo (isto é, três lados, ângulos internos que somados são 180° etc.) é baseado no conceito de triângulo, não na experiência dele.

### Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos devem poder diferenciar entre racionalismo e empirismo e compreender os pontos principais de discordância entre os dois.
- Os alunos devem poder formular um raciocínio sobre qual eles acham mais convincente e por quê.
- Conceitos-chave: *a priori*, *a posteriori*, analítico, sintético, racional, empírico.

## 1. EMPIRISMO X RACIONALISMO

### Vocabulário

Racionalistas: valorizam o papel da razão no conhecimento e minimizam a importância da experiência sensorial. Para os racionalistas (como Descartes), a fonte do conhecimento são as ideias inatas – seja com conhecimento com o qual nascemos ou conceitos *a priori* que são presumidos por todo conhecimento.

Empiristas: valorizam o papel da experiência sensorial no conhecimento e minimizam o papel da razão. Para os empiristas, todas as ideias vêm da experiência – seja diretamente, ou através de abstrações da experiência.

Conhecimento *a priori*: (verdades conceituais) declarações *a priori* não se embasam nas evidências dos sentidos para chegar a sua verdade. Ou seja, o valor de suas verdades não depende dos fatos do mundo. Por exemplo:

“todos os triângulos têm três lados” → você não sabe isso através da comparação com triângulos reais – você sabe através da análise do que as palavras significam.

“a égua é a fêmea do cavalo” → isso seria verdadeiro mesmo que não existissem cavalos,

porque esse é o único significado da palavra "égua".

" $2+2=4$ " → novamente, uma verdade conceitual.

Conhecimento *a posteriori*: (verdades empíricas) estas se apoiam na evidência dos sentidos para sua verdade. Isto é, temos de verificar os estados do mundo para saber se elas são verdadeiras. Por exemplo:

"há uma mesa nesta sala" → temos de dar uma olhada na sala pra verificar se isso é verdadeiro.

"estou usando sapatos" → temos de olhar para meus pés para confirmar.

### **Racionalismo Idealizado**

"Idealizado" porque, em sua maior parte, é verdadeiro, mas provavelmente deve haver racionalistas que não concordam com todas as suas partes.

1. Existem verdades *a priori* informativas e fundamentais (forma intuitiva): através da razão (e não com base na experiência dos sentidos, ou seja, *a priori*), podemos saber algumas verdades informativas e fundamentais acerca do mundo.

Isso não é sobre apenas dizer coisas que são verdadeiras por definição, por exemplo: "O solteiro é o homem (adulto) não casado" ou "o triângulo tem três lados". Racionalistas defendem que verdades como "tudo tem uma causa" são, ao mesmo tempo, *a priori* (conhecíveis independentemente da experiência), além de nos informar sobre fatos reais do mundo.

2. Enfatizar a razão lógica/matemática como modelo para o conhecimento. Isso é definitivamente o que dissemos a respeito de Descartes – seu método é bem parecido com o que encontramos na Geometria. Comece com algo que precise ser verdadeiro (por exemplo: axiomas, teoremas) e depois embase todo seu conhecimento nisso.
3. Desvaloriza as ciências naturais enquanto baseadas na observação sensorial. Isso NÃO quer dizer que não acham a ciência interessante ou útil (Descartes era cientista), mas acreditam que todo conhecimento que vem dos nossos sentidos é "suspeito" e podemos nos enganar com ele de uma forma que não podemos nos enganar com o conhecimento racional.

(Logo, para os racionalistas, a matemática e a lógica provêm conhecimento "real", enquanto a ciência produz um conhecimento duvidoso).

4. Existem ideias inatas. Ou seja, temos ideias que nascem com a gente (geralmente, serão as verdades correspondentes ao #1 acima).

### **Empirismo Idealizado**

Da mesma forma, nem todos os empiristas vão concordar com tudo aqui descrito, mas isso nos dará uma boa visão geral.

1. Negam que as verdades sejam *a priori*. Todas as verdades informativas são *a posteriori*.
2. Desenfazem o papel do raciocínio lógico/matemático. Eles pensam ser MUITO importante (eles sabem que você não pode fazer ciência sem esse raciocínio, mas acreditam ser menos importante do que aprender os fatos do mundo), mas ele por si só não leva ao reconhecimento das verdades sobre o mundo.
3. Enfatizam o papel das ciências naturais como frutos da observação sensorial. O tipo de conhecimento que estamos realmente interessados é aquele que nos revela o mundo – e é esse que a ciência nos proporciona.

(Para os empiristas, ciência é conhecimento do “real”. A lógica e a matemática são úteis e importantes, mas não tão importantes quanto a ciência, que nos ajuda a descobrir as verdades sobre o mundo).

4. NÃO existem ideias inatas. Toda ideia que temos adquirimos através da experiência. Não podemos conhecer verdades informativas (isto é, verdades sobre o mundo) através da razão. Conhecemos as verdades informativas através das experiências sensoriais, ou seja, *a posteriori*.

Nota – o único tópico no qual eles discordam é em se há ou não conhecimento sintético *a priori*.

Tenha isso em mente enquanto nos preparamos para adentrar a seção de epistemologia.

## 2. EXERCÍCIO DIALÓGICO DE TEXTO

---

Consulte o Apêndice para uma descrição completa do exercício.

Rodada 1: o aluno deve descrever sucintamente o que *ele/ela* acredita ser o conhecimento.

(Pode ser um rearranjo do que eles escreveram no primeiro dia, a não ser que tenham mudado de opinião).

Rodada 2: leia e analise – você pensa que essa visão se assemelha mais à visão racionalista ou empirista? Que evidências apoiam sua resposta?

Rodada 3: leia APENAS a afirmação original e analise – você pensa que essa visão se assemelha mais à visão racionalista ou empirista? Que evidências apoiam sua resposta?

Rodada 4: leia as respostas. Você concorda? O que você acrescentaria para fortalecer seu ponto de vista?

Debate em grupos pequenos: vocês conseguem entrar num acordo com o racionalismo ou empirismo?

Se sim, qual vocês acreditam ser a melhor razão para escolher esse ponto de vista? Se não, qual o ponto maior de discordância entre vocês?

## DIA 5 – LOCKE: ENSAIO REFERENTE AO ENTENDIMENTO HUMANO

Conteúdo:	Método:
1. Introdução a Locke (10 min.)	1. Aulas, possíveis debates
2. Argumento de Locke contra as ideias inatas (20 min.)	
3. O empirismo de Locke (20 min.)	

### Atribuições para esta aula

Locke, *Ensaio Referente ao Entendimento Humano*

Texto disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Ensaio-Acerca-do-Entendimento-Humano.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2019.

Livro 1, Capítulo 1, “Introdução”, parágrafos 1-3. p. 29-30

Livro 1, Capítulo 2, “Não há princípios práticos inatos”, parágrafos 1-5. p. 45-46.

Livro 2, Capítulo 1, “Ideias em geral e suas origens”, parágrafos 1-6. p. 57-59.

Nota sobre a leitura: essa leitura compreende o argumento de Locke contra as ideias inatas, assim como sua visão de onde vem nossas ideias. Os alunos devem estar preparados para apontar os argumentos de Locke contra as ideias inatas e debater sobre de onde ele acredita surgir nossas ideias.

### Orientações ao professor

Com Descartes, vimos que o sarrafo para se obter o conhecimento foi colocado muito alto: precisamos de certeza para adquirir conhecimento. Para que se possa conhecer, ele tem de contar com a existência de um Deus que criou um mundo que seja capaz de nos prover com a certeza. Ele também conta com as ideias inatas como sendo parte da fundação do conhecimento.

Locke pensa que tudo isso é tolice. Ele tem uma abordagem muito mais tranquila para o conhecimento. Ele vai baixar o sarrafo consideravelmente.

Ele foi o primeiro a criticar a epistemologia de Descartes. De início, ele ataca a noção de que há ideias inatas e, em seguida, sugere uma noção alternativa de onde nosso conhecimento brota. É de Locke que adquirimos a noção de *tabula rasa*: ele argumenta que, quando nascemos, nossa mente é uma “página em branco”, que é escrita pela experiência.

Também observamos utilizando o princípio da “Lâmina de Ockham” (às vezes grafado como Occam). Alunos frequentemente têm dificuldades com esse conceito. Uma forma de descrevê-lo é “a mais simples entre duas teorias é provavelmente a verdadeira”. Outra descrição comum é “não multiplique entidades além do necessário”. Alunos mais astutos sem dúvida vão questionar essas ideias. É importante ressaltar que, quando comparamos teorias, elas devem ser *explanatoriamente equivalentes*. Isto é, o que esperamos de uma teoria é que ela forneça uma explicação. Mas, se temos duas teorias que se saem bem igualmente, a mais simples tem menos formas de ser errada (assim como quando você tem duas máquinas que realizam a mesma tarefa, a que tem menos partes móveis tem menores chances de quebrar).

Por que acreditar nisso? Bem, pense em como as teorias (ou argumentos) funcionam. Cada ideia ou entidade proposta em uma teoria precisa ser justificada, e todo adendo à teoria também adiciona uma fragilidade e possibilidade maior de erro (porque você adiciona algo mais que precisa ser justificado). Sendo assim, dadas duas teorias, aquela com menos “bagagem” (ideias e entidades injustificadas) é mais provável de estar correta.

Muito pode ser aprendido ao prestar atenção como Locke procede neste momento. Ele se move vagarosa e cuidadosamente através dessas ideias. Mesmo que estejamos descontextualizando parte de seus argumentos, os alunos podem notar como ele procura ser justo com as visões contra as quais argumenta.

## Objetivos e Conceitos-chave

- Compreender os argumentos e a metodologia de Locke.
- Conceitos-chave: tabula rasa, A Lâmina de Ockham.

## “Introdução”

1. Há muito entusiasmo nos escritos de Locke que abordaremos. “Nosso estudo será ao mesmo tempo útil e agradável”. Ótimo material!

Ele está explicando sua tarefa aqui – estudar o entendimento. Isto é, estudaremos o conhecimento. Mas é complicado. É como tentar ver o seu olho – em condições normais (sem espelho, sem reflexo), você não consegue. Seu olho percebe o mundo, mas não pode SE perceber. A mente também opera dessa forma, eventualmente: “Requer arte e esforço para colocá-la a uma certa distância e torná-la objeto de si mesma”.

2. Propósito: “investigar o *conhecimento humano* em toda sua originalidade, certeza e alcance, junto com os terrenos e graus da *crença, opinião e assentimento*”.

Esse é um tema comum em epistemologia – o que diferencia o conhecimento de outras ideias como as crenças e opiniões? Pense no seguinte espectro:



Uma das grandes diferenças aqui é: onde repousa o conhecimento neste espectro?

Para Descartes, o conhecimento é encontrado na extrema direita. Para Locke, é em algum lugar à esquerda do espectro.

Eis a questão com a qual Locke principia – como diferenciá-las, e onde repousa o conhecimento?

Seu objetivo: “dar qualquer consideração sobre a qual nossos entendimentos alcançam as noções que temos das coisas; e poder estabelecer qualquer medida de certeza de nosso conhecimento; ou os terrenos dessas persuasões que devem ser encontradas entre os homens, tão variadas, diferentes, e completamente contraditórias” e mesmo assim tão arraigadas, que nos faz cogitar que “ou não existe essa coisa de ‘verdade’ ou a raça humana não possui a capacidade de atingir um determinado conhecimento dela”.

Novamente, como em Descartes, ele quer saber se os céticos estão certos. E, se estiverem errados, quais são os limites sobre o que podemos dizer que sabemos? Para responder a essa pergunta, ele vai demonstrar como chegamos a nossas noções e de que forma julgamos como essas noções contam como conhecimento, crença, opinião ou consentimento.

- 3. Método:** distinguir as fronteiras entre opiniões e conhecimento e descobrir uma maneira de julgar em que grau podemos aceitar aquelas noções sobre as quais não podemos ter certeza (por exemplo, o caso da aterrissagem na Lua).

Lembre-se: conversamos sobre o conhecimento enquanto crença verdadeira e justificada. A parte da verdade é bem complicada. Se não pode ter certeza de que algo é verdadeiro, de que importa ter uma justificativa?

Para fazer isso: três passos:

- a) Procure pelas origens de nossas ideias: como elas penetram o entendimento.
- b) Demonstre em que casos essas noções contam como conhecimento e qual o grau de certeza, evidência e extensão desse conhecimento.
- c) Observe a natureza da fé e da opinião.

- Descubra o porquê de assentirmos a proposições que não podemos saber com certeza.
- Procure pelas razões que justificam o assentimento, e seus graus.
- (ou seja, como determinar quão certo estamos acerca de algo?).

## Livro 1

Este é seu argumento contra as ideias inatas

### 1. Ideias Inatas

Ele está levando em consideração a ideia de que alguns aspectos do conhecimento são impressos em nosso cérebro durante o nascimento.

Ele demonstra que essa ideia é falsa ao mostrar que podemos adquirir todo nosso conhecimento sem ela (isso é o que ele vai explorar mais no *Livro Dois*). Ele quer demonstrar que a ideia de "ideias inatas" é inútil.

Por exemplo: não presumimos que as cores são inatas ao olho, porque entendemos que há um mecanismo que permite ao olho captar a cor do mundo externo. De forma semelhante, talvez o entendimento possa captar as ideias/conhecimento do mundo externo também.

Ele vai argumentar, inicialmente, que não temos um bom motivo para aceitar essa ideia, para começo de conversa. Mas o simples fato de que ela conflita com o senso comum não é bom o suficiente, precisamos realizar uma investigação cuidadosa [princípio da caridade].

→ Talvez valha a pena ter um debate acerca da Lâmina de Ockham aqui, ou em algum ponto durante o Livro 2, quando suas conclusões pendem ao empirismo. A noção de ideias inatas é complicada, pois ela requer que tenhamos conhecimento desde o nascimento (apesar do fato de que as crianças não saibam muita coisa). Se ele puder demonstrar que a aquisição do conhecimento não requer esse tipo de complicação, isso falará a seu favor.

### 2. Argumento do Consentimento Universal:

Esta NÃO é a visão de Locke! Esta é a visão com a qual ele vai contra-argumentar. Ele vai descrever esse ponto de vista e depois vai mostrar que ele está errado. (Os alunos às vezes têm dificuldade em entender que ele inicialmente está descrevendo o ponto de vista OPOSTO. Este é um bom momento para reforçar a ideia do princípio da caridade).

Ideias inatas são normalmente defendidas pelo apontamento de que existem ideias (princípios) que parecem ser universalmente aceitas pelas pessoas – tanto as ideias especulativas (ou seja, noções abstratas) quanto as práticas. A ideia defendida é: como elas podem ser tão universais se não forem inatas?

### 3. Problemas com o Argumento:

Primeiramente, mesmo que seja verdade que existam princípios que “gozem” de consentimento universal, isso não prova a veracidade das ideias inatas se houver outra explicação (que ele acredita poder dar).

Mas, de qualquer maneira, não parece termos um bom motivo para concordar com ela. Mesmo com verdades lógicas (por exemplo: “tudo o que é, é” e “É impossível para a mesma coisa ser e não ser”), que aparentam ser inatas, não parece haver um consenso universal sobre elas. Há vários lugares onde as pessoas nunca pensaram ou ouviram falar delas. Como isso seria possível se fossem inatas?

Para começar, “crianças e idiotas” não sabem delas, e apenas essa observação é o suficiente para “destruir o assentimento universal que precisa ser o companheiro necessário de todas as verdades inatas”.

Ou seja, há muitas pessoas que não sabem das coisas que são tidas como inatas. Uma das defesas a esse fato é: “elas estão lá, eles só não conseguem acessá-las”. Sendo assim, parece quase contraditório afirmar que existem verdades inatas, “impressas na alma”, mas que a alma não percebe nem compreende. Não faz sentido dizer que elas estão lá, mas você não sabe. Tal reivindicação faz da noção de “inato” sem significado.

Algumas pessoas tentam se livrar desse argumento, afirmando que as ideias inatas são, na realidade, uma “capacidade para o conhecimento”. Se não forem cuidadosos, essa linha de raciocínio os leva à conclusão indesejada de que *todo* conhecimento é inato.

E se você (defensor das ideias inatas) trilhar esse caminho, estará apenas usando a linguagem de forma equivocada porque, em último caso, você estará dizendo a mesma coisa que aquele que rejeita as ideias inatas, exceto pelo fato de que estará acrescentando “mas elas são inatas” ao final de sua declaração.

Sendo assim, alguns tentam dizer que a capacidade é inata, e o conhecimento, adquirido, mas, a partir daí, você perde as “máximas inatas” que lhe deram motivos para justificar as ideias inatas no início.

Aparentemente, não há bons motivos para pensar que as ideias inatas existam.

## Livro 2, Capítulo 1

O livro 1 foi a construção de seu argumento negativo contra o racionalismo. Agora o ônus está sobre ele para construir um argumento positivo sobre o que *seja* o conhecimento, já que não é baseado em ideias inatas.

*Debate provável:*

Vale a pena debater com os alunos as diferenças entre argumentos negativos e positivos.

Algumas vezes eles levam para o lado pessoal, ou querem defender aqueles que se encontram “sob ataque” com argumentos negativos. Mas, se alguém tem uma boa teoria, ela por si própria terá em seu cerne os meios para se defender dos ataques. Aprendemos o quão consistente ela é ao observá-la se defender do criticismo. Criticamos teorias para avaliar sua força, não para vencer um argumento barato ou para fazê-la parecer burra. O objetivo final é a verdade. Mesmo que Locke não tivesse uma teoria a favor de uma determinada visão do conhecimento, isso não diminuiria a validade de sua crítica ao racionalismo. Os alunos costumam achar injusto quando um filósofo “destrói” uma teoria, sem oferecer outra para colocar no lugar. Ajudá-los a identificar essas ideias pode ser valioso.

A construção da teoria de Locke

1. A mente possui várias ideias – de onde elas vêm?
2. A mente principia como um papel em branco (ou *tabula rasa*) – sem características – então, de onde ela adquire o material da razão e do conhecimento? Da *experiência* é a resposta de Locke. Existem duas fontes de conhecimento.

(Questão para debate: quais são as razões para acreditar na noção de *tabula rasa*? Parece correto que só podemos conhecer as coisas através da experiência?).

3. (Primeira fonte de conhecimento) *Sensação*: os sentidos transmitem para a mente várias percepções distintas das coisas – qualidades sensíveis. Essas são as ideias que vêm através dos sentidos (por exemplo: cor, calor, dureza, doçura).
4. (Segunda fonte de conhecimento) *Reflexão*: percepção das operações de nossa própria mente.

Por exemplo, percepção, sede, duvidar, acreditar, raciocinar... E outros atos de nossa própria mente.

5. Não há ideias em sua mente que não provêm dos sentidos ou da reflexão.
6. Se você pensar sobre uma criança, terá poucos motivos para acreditar que eles tenham ideias inatas. Elas as adquirem através da experiência. Se um garoto for criado em um ambiente em preto e branco apenas, ele não saberá o que é verde.

Debate: liste itens que podem ser classificados como sensação ou reflexão. Alguém pode pensar em qualquer ideia cuja "fonte" não seja das sensações ou reflexão?

Se você tiver uma boa turma: pergunte por histórias engraçadas sobre coisas que eles demoraram a entender além do normal, por conta da falta de experiência. Por exemplo, minha tia foi criada em São Paulo capital e depois se mudou para o interior de Minas Gerais durante o Ensino Médio.

Ao visitar uma fazenda um dia, ela perguntou ao meu pai o que era aquilo que estava sendo "retirado" da vaca por um homem sentado em frente a ela. Ela não sabia que o leite era extraído daquela forma.

# GUIA DE LEITURA DE DESCARTES – MEDITAÇÃO 1

**Nota:** títulos de livro e termos chave estarão em itálico. Pode ser interessante fazer anotações, pelo menos dos termos chave. Como já deve ter notado, na Filosofia, tem muito vocabulário envolvido! Não é só porque é legal e interessante aprender palavras novas – isso também nos ajuda a pensar de maneira mais precisa.

A motivação de Descartes para escrever essas *Meditações* é que ele está sinceramente interessado em descobrir se podemos de fato ter algum conhecimento (deste modo, ele está interessado em uma área da Filosofia chamada *epistemologia* – isto é, o estudo da natureza do conhecimento), e o que esse conhecimento nos diz acerca da natureza do mundo (e este é seu interesse em outra área da Filosofia, chamada *metafísica* – o estudo da natureza da realidade). Veremos ele em seu embate com a epistemologia em Meditação 1 (M1) e Meditação 2 (M2) e veremos o começo de sua metafísica em M2, quando ele vai começar a construir seu *dualismo*. Dualismo é a crença de que a mente e o corpo (cérebro) são, necessariamente, entidades separadas (ou seja, elas podem ser relacionadas e interagir, mas são, inerentemente, coisas diferentes).

**Meditação 1:** temos Descartes construindo um argumento a favor do ceticismo. Ele acredita (assim como muitos acreditam) que, para se adquirir conhecimento, você tem de ter a verdade. Se você estiver errado sobre *x*, você não conhecia *x*, você apenas acreditava que conhecia. De outra maneira, não haveria nenhuma distinção entre conhecimento e crença (isto é, ele seria a mesma coisa no final das contas). A questão é: como estabelecemos a verdade?

1. Descartes sugere usar uma ideia em particular que pode ajudar a estabelecer a verdade. E qual é? (ou, por outro lado, ele sugere que a falta dela indica que a crença deve ser descartada como candidata ao conhecimento) Descartes pensa que podemos diferenciar entre dois tipos de conhecimentos que temos através da experiência sensorial – também chamado de conhecimento *a posteriori*. Esse tipo de conhecimento depende da experiência para se determinar seu valor de verdade (ou seja, pra saber se é verdadeiro, você precisa ir ver, ou fazer um experimento). Também temos o conhecimento através da razão – também chamado de *a priori* (isso teria a ver com saber a verdade que tem a ver com a própria ideia, ou com sua definição. Por exemplo, você não precisa encontrar um solteiro para saber que solteiros são homens adultos não casados, ou que um triângulo tem três lados – essas coisas são verdadeiras por definição).

a) Existem tipos de crenças que ele conhecia através dos sentidos. Como elas diferem entre si? Isso é complicado – passa despercebido num piscar de olhos. Talvez você tenha de fazer a questão três ao mesmo tempo – escolha elas pelas razões que você tenha pra duvidar delas.

A. (Descreva):

B. (Descreva):

b) Que razões ele tem para duvidar do que ele achava que sabia? (Nota: as duas primeiras são difíceis de separar. Faça seu melhor e tente descrever o que ele está fazendo.)

A. Através dos sentidos (1):

B. Através dos sentidos (2):

C. Através da razão:

2. Ele está disposto a aceitar um estado de coisas bastante improvável a favor do argumento cético, em particular, aquele relacionado às razões que temos para duvidar de nosso conhecimento baseado na razão (mas isso também é verdade para um de seus argumentos contra o conhecimento através da experiência sensorial). Ele faz isso por dois motivos. Uma delas é por conta de seu entendimento sobre o que requer o conhecimento. Outra

é porque, no final, será benéfico ao argumento que ele vai propor (seu objetivo final é demonstrar que PODEMOS ter conhecimento – ele só está se passando por cético por um curto período).

3. Por que seu entendimento sobre o conhecimento o leva a adotar seriamente algumas possibilidades malucas?
4. Porque será benéfico ao seu plano geral considerar essas possibilidades?
5. Ao final de Meditação 1 aparentemente o ceticismo venceu. O que Descartes precisa demonstrar de maneira que fique claro que o ceticismo está errado?

## GUIA DE LEITURA DE DESCARTES – MEDITAÇÃO 2

**Meditação 2:** este trabalho tem três seções distintas. O objetivo de Descartes aqui é refutar o argumento cético que ele construiu ao longo de Meditação 1, assim como adquirir um entendimento sobre a natureza do conhecimento que ele defendeu.

Seção 1 – o que eu sei: Descartes começa dizendo que, mesmo com todas as considerações em Meditação 1, tem uma coisa que ele pode saber que é necessariamente verdadeiro.

1. O que é que PRECISA ser verdadeiro?
2. Como ele pode saber isso, dadas todas as razões que ele tenha para duvidar disso? (Ou seja, por que isso é *necessariamente* verdadeiro?).

Seção Dois – qual é a natureza disso? Ele acreditava que o pouco de conhecimento que ele necessariamente tem existia com algumas propriedades determinadas. Ele ainda não descartou os motivos que tem para duvidar, então ele precisa agora saber o que ele pode *efetivamente* conhecer. Ele começa por examinar todas as coisas que ele acreditava serem verdadeiras e, em seguida, as reavalia para certificar se ainda pode continuar acreditando nelas. (Note que ele está começando sua defesa do dualismo aqui).

1. Liste as propriedades que ele acreditava que essa coisa tinha, e como ele pode duvidar delas agora. (Você pode listar três propriedades ou duas propriedades principais com uma delas possuindo subpropriedades. Não se esforce demais tentando fazer isso de forma perfeita, apenas demonstre o ponto de vista dele!)
2. Qual propriedade ainda deve ser verdadeira?

Seção Três: o pedaço de cera: Descartes se dá conta de que muito do que ele diz não combina com a maneira como normalmente pensamos sobre essas coisas. No entanto, ele quer dar outro exemplo para demonstrar que, apesar do que ele diz desafiar o “senso comum”, ele acredita poder demonstrar que mesmo assim ele está certo (assim como Galileu, talvez?).

1. Qual é o exemplo da cera?
2. Por que minha experiência dos sentidos não é a fonte de meu conhecimento de que é o mesmo pedaço de cera?
3. Por que minha imaginação não é a fonte? (Lembre-se – ele tem uma noção bastante particular sobre o que é imaginação!)
4. Esta é complicada – como é que minha razão deve ser a fonte de meu conhecimento? Note – ele está construindo a ideia de *conhecimento inato*.

Ou seja, conhecimento com o qual você nasce. (NÃO confundir com instintos, que são respostas pré-programadas para estímulos específicos. Ele fala sobre nascer SABENDO coisas).

### Pensamentos resumidos

Então, ao final de Meditação 2, ele prova que os cétricos estão errados, porque podemos conhecer algo. No entanto:

1. Qual o limite desse conhecimento neste momento?
2. O que será preciso para reconstruir mais conhecimento?